

XVIII Encontro Nacional da ABET
Tema: Futuros do Trabalho: reconstruindo caminhos para a proteção social no Brasil
5 a 9/9 de 2023, UnB

Grupo Temático 16 – Uberização, Trabalho digital, Novas Formas de Controle e Resistência

A outra face da uberização: o trabalho em cozinhas para delivery sob o capitalismo periférico
financeirizado

Resumo

Este projeto visa expandir o debate acerca da uberização além do escopo relacionado aos entregadores por aplicativos. Mantenho proximidade com esse setor abordando como objeto uma outra face: as cozinhas de restaurantes para delivery e marmitas. Entendo ambos, preparo e delivery, como fenômeno integrado parte de um mesmo processo de trabalho organizado sob os princípios da uberização, que abrange mais que a empresa e o serviço prestado em sua plataforma. Essa escolha se baseia em levantamento bibliográfico que demonstrou lacuna significativa da pesquisa em sociologia do trabalho no setor de preparo de alimentos para entrega. Problematizo, portanto, em que medida os/as trabalhadores/as dessas cozinhas estão submetidos à condições precarizadas de trabalho, através do entendimento da uberização, da financeirização e da divisão internacional e sexual do trabalho como fenômenos chave que culminam nessas circunstâncias a serem analisadas. Ressaltando, assim, o caráter inerente da precariedade do contexto brasileiro como país periférico e a perspectiva irremediavelmente generificada do trabalho em cozinhas. Para cumprir os objetivos e problematização propostos, em se tratando de uma pesquisa exploratória, serão utilizados procedimentos essencialmente qualitativos e reflexivos. Mobilizarei referencial teórico especialmente do campo da sociologia do trabalho, propondo uma pesquisa de orientação dialético-crítica que recorrerá à pesquisa bibliográfica e de campo - esta última fundada em entrevistas semi-estruturadas aprofundadas

Palavras-chave: Uberização, Cozinhas, Divisão Sexual Trabalho

Introdução

Na Sociologia do Trabalho estuda-se um mundo de realidades e coletividades humanas estabelecidas através do trabalho (FRIEDMANN, 1973). Dentre essas realidades, estão as transformações do trabalho e o acompanhamento de inúmeras alterações que suscitam debates acerca das crises, degradações e eventuais melhorias nas condições de trabalho dos trabalhadores e trabalhadoras tanto em contextos nacionais quanto globais. Sendo uma área de estudo com toda essa bagagem teórica e histórica, é necessário, segundo Bridi, Braga e Santana (2018), investigar o trabalho com a convivência de múltiplas dualidades: velho e novo, tradicional e moderno, formal e informal, local e global.

Voltando a atenção à Sociologia do Trabalho latino-americana, leva-se em conta a inserção diferenciada dos países periféricos na mundialização do capital e nas cadeias globais de valor (LEITE, 2012). O processo de formação do Brasil é baseado numa série de acontecimentos e fatos históricos, que não são isolados do restante do mundo, mas são inegavelmente particulares ao contexto nacional situado na totalidade do sistema capitalista mundializado. Sem perder de vista esse entendimento, reafirmo: a construção sócio-histórica desses países do chamado Sul global é permeada por uma condição de exploração desde sua configuração inicial (DRUCK, 2011; ANTUNES, 2019).

Na particularidade do Brasil, a condição precária dos/as trabalhadores/as é determinada por eventos primordiais, como, dentre inúmeros outros, a exploração da mão de obra escravizada até o final do século XIX, a construção de uma economia dependente, a industrialização tardia, etc. Para

de fato entender a condição de categorias ou grupos de trabalhadores/as é essencial ter como pressuposto esses antecedentes (BRIDI; BRAGA; SANTANA, 2018; DRUCK, 2011). Antunes (2019, p.22, grifo nosso) resume:

Na periferia, o proletariado nasceu eivado da condição de precariedade. Basta lembrar que, no Brasil e em vários outros países da América Latina (para não falar dos Estados Unidos), cuja história é marcada pela existência do escravismo colonial, o proletariado floresceu a partir da abolição do trabalho escravo, de modo que **a sua condição de precariedade não é a exceção, mas um traço constante desde a origem.**

Partindo da argumentação de Abílio (2020), entendo que a compreensão da precariedade estrutural e estruturante do mundo do trabalho nos países periféricos vai além de ser um fator para ser lembrado ao longo da análise: é um princípio determinante que orienta toda a perspectiva deste projeto. Aproximando esse princípio ao objeto aqui proposto, a precarização do trabalho e a

uberização deve ser compreendida como **a tendência à generalização de características de mercados de trabalho do Sul**, os quais agora ganham visibilidade ao se espriarem por países do centro e entre trabalhadores com qualificação e rendimento maiores (ABÍLIO, 2020, p.14, grifo nosso)

Ou seja, existem alterações recentes no mundo do trabalho que potencializam as condições de precariedade às quais os/as trabalhadores/as são sujeitos/as. Porém, a superexploração e o abuso da classe trabalhadora sempre foram a realidade das economias periféricas devido às circunstâncias impostas pela divisão internacional do trabalho. Isso é agora transmutado para o contexto neoliberal e aprofundado e agudizado nesses locais, além de espalhado como tendência aos/as trabalhadores/as de nações do centro do capitalismo (ABÍLIO, 2020; ANTUNES, 2019).

Essa aproximação aos países centrais, tem causa, dentre outros fatores, na consolidação da financeirização. Com modos de regulação que favoreçam a acumulação irrefreável de capital financeiro e atenda os interesses da classe financeira internacional, através da desregulamentação dos sistemas financeiros e a liberalização das economias nacionais. Há assim a destituição de regras financeiras que protegiam economias nacionais e trabalhadores, mas eram tidas como barreiras ao acúmulo de capital financeiro (LODETTI, 2021).

A ausência de regulação na interação entre sistemas bancários públicos e privados, instituições financeiras, empresas transnacionais, acionistas, classe capitalista e Estados nacionais é costurada pelo fluxo intenso e constante de capital flexível. Esse caráter altera os próprios fundamentos e modos de operar desses atores e leva a uma relação de troca e exploração engendrada e completamente volátil, cuja parte final das consequências exploratórias é o/a trabalhador/a da periferia, global e urbana (BARBOSA, 2011).

Em geral, compreende-se como tais mudanças no escopo global e nas diferentes esferas do trabalho possibilitam a precarização e precariedade através da flexibilização de processos e contratos. Por flexibilização, entende-se a reunião de variados processos de relações de trabalho,

dentre elas: terceirização, informalização, insegurança nos trabalhos formais, precarização, etc. (BRIDI; BRAGA; SANTANA, 2018).

Para traçar uma definição de precarização do trabalho ou trabalho precarizado é preciso compreender de antemão, além dos pontos elencados anteriormente, a ideia de precariedade inicial, que descreve a disposição de uma condição vulnerável de vida. O desamparo social de grande parte da população brasileira pode ser ilustrado na falta. Falta de segurança, acesso à moradia digna, à saúde, à educação, ao transporte, ao lazer. Essas conjunturas que se impõem criam um cenário que ao mesmo tempo propicia o trabalho precário e é propiciado por ele, numa relação engendradora de retroalimentação entre esses indicadores que torna difícil a mobilidade social (HOLZMANN, 2006).

Druck (2011) elenca diferentes formas de precarização do trabalho e a situa nas seguintes dimensões: “nas formas de inserção e de contrato, na informalidade, na terceirização, na desregulação e flexibilização da legislação trabalhista, no desemprego, no adoecimento, nos acidentes de trabalho, na perda salarial, na fragilidade dos sindicatos.” (DRUCK, 2011, p.41)

Portanto, os/as trabalhadores/as precarizados/as são aquela fração explorada ao extremo, sem estabilidade, perspectiva ou segurança. Não se deve reduzir a precariedade e informalidade uma à outra, pois não são sinônimos. Abarca também aqueles/as que Barbosa (2011) denomina de “trabalhador polivalente” e Abílio (2020) de “*just in time*”, sempre disponíveis e dispostos a realizar qualquer função independente das condições.

A precarização no contexto macro deve ser compreendida como instrumento próprio da financeirização. Druck (2011) a coloca como estratégia de dominação do capital flexível. O/a trabalhador/a periférico/a arca com as consequências obscuras da precarização das condições do trabalho e da flexibilização das leis laborais como se esta situação dependesse de seu mérito individual, quando na verdade é resultado último da acumulação de capital pela via financeira e desregulamentada proposta pelo capitalismo neoliberal (LODETTI, 2021; BARBOSA, 2011).

Dentro dessa gama de cenários que contemplam o trabalho precário, o debate recente acerca disso tem centrado atenção à uberização. Esta é definida por Abílio (2020, p.14) como uma “forma de organização, gerenciamento e controle do trabalho, que se apresenta como uma tendência global” e por Krein et al (2018, p.48) “como ocupações estabelecidas a partir de plataformas digitais que tentam escapar de uma relação de emprego, o que também é uma nova expressão de uma relação de emprego disfarçada ou encoberta.”

A associação desse fenômeno com o trabalho por plataformas é quase automática, porém, conforme Abílio (2020, p.14) a uberização transcende essa determinação

[...] é fruto de décadas de eliminação de direitos, da dispersão global e, ao mesmo tempo, centralizada de cadeias produtivas – aliadas à liberalização de fluxos financeiros e de

investimento – e do desenvolvimento tecnológico, que fundamenta novas formas de organização e controle do processo de trabalho

A mesma autora retoma sua tese de doutorado a respeito das revendedoras de empresas de cosméticos (ABÍLIO, 2011) para demonstrar a abrangência da uberização antes mesmo da empresa de transporte por aplicativo ser disseminada globalmente.

Portanto, as plataformas digitais fazem a função de catalisadores de um processo corrente e não necessariamente novo. A novidade, segundo Abílio (2020, p.14), reside em “meios novos e obscuros no gerenciamento do trabalho, informados por um pleno mapeamento do processo de trabalho e de um novo tipo de subordinação”. A uberização constitui-se em parte como a relação imbricada dessas inovações de tecnologia e gerenciamento e a precarização da vida e do trabalho. A falta de garantias, direitos ou proteção contrasta com o excesso de riscos e custos, e ambos são características que abarcam todas funções uberizadas, permeadas por uma maleabilidade e flexibilidade estruturante no lado da relação que diz respeito ao/à trabalhador/a. (ABÍLIO, 2020; GROHMANN; QIU, 2020)

Por conseguinte, me apropriro da ideia de uma “divisão sexual da precarização do trabalho” (HIRATA 2009, p.25) para reforçar que: “A precarização do trabalho que atinge a categoria dos empregados deve ser então correlacionada à sua composição sexuada.” (HIRATA, 2009, p.27). Dessa forma, o objeto desta pesquisa é entendido como um caso chave para essa compreensão, justamente pelo trabalho na cozinha em restaurantes de entrega englobar esses dois processos - a divisão sexual e a precarização do trabalho -, que não se desenrolam numa trajetória paralela e isolada, mas sim imbricada e interdependente.

Objetivos

O principal objetivo desta pesquisa é examinar em que medida há uma condição de precariedade no trabalho nas cozinhas de restaurantes de delivery no município de Florianópolis como reflexo do trabalho uberizado e do capitalismo financeiro mundializado, ressaltando as características do trabalho neste setor dentro da divisão sexual e internacional do trabalho.

Além disso, busco: situar a uberização como fenômeno acelerador da precarização do trabalho característica dos países periféricos; ressaltar a inserção diferenciada do/a brasileiro/a na divisão internacional do trabalho como cidadão de um país da periferia do mundo; problematizar/questionar o trabalho na cozinha como historicamente associado a atividade feminina; investigar a divisão sexual do trabalho nas cozinhas dos restaurantes selecionados; situar as experiências de trabalho individuais na totalidade que envolve o modo de organização uberizada do trabalho e o capitalismo financeirizado globalmente;

Problematização

Em levantamento bibliográfico sobre setores cujas condições de trabalho estão relacionadas ao fenômeno da uberização, identifiquei uma categoria - a do trabalho em cozinhas - que se enquadra de forma ambígua na atenção dada a esse tema de Sociologia do Trabalho. Ambígua pois: é um trabalho recorrente no cotidiano comum, assim como os entregadores por aplicativo o são (setor amplamente estudado quando trata-se da uberização), mas, diferentemente destes, não pode ser caracterizado como visível. Esse teor oculto do trabalho na cozinha de restaurantes de entrega reforça e reproduz a dualidade do trabalho masculino como aquele que ocupa a esfera pública e o feminino como aquele relegado ao ambiente privado (HIRATA, 2009; SANTANA, 2010; SCAVONE, 2008). Por isso, com a intenção de abrir caminhos para uma maior atenção a essa face oculta do mesmo fenômeno, escolhi esse setor para realizar a pesquisa.

É essencial delimitar claramente o objeto de estudo para entender o que se pretende ou não abordar e responder. Me ateno aqui ao município de Florianópolis, nos anos de 2023 e 2024 e a cozinhas de restaurantes de delivery ou marmita.

Florianópolis é a capital do estado de Santa Catarina e é um polo turístico de enorme expressão para o contexto estadual e nacional, contando com uma ampla variedade de restaurantes - inseridos ou não na logística de delivery por aplicativo. Além disso, a cidade possui a segunda cesta básica mais cara do país (DIEESE, 2022). Acrescento que, conforme levantamento bibliográfico, as pesquisas que envolvem o trabalho na cozinha em Santa Catarina e Florianópolis se aplicam, de maneira geral, às áreas de ergonomia (ASSUNÇÃO, 2008; SILVA, 2016) e biossegurança (LEHMKUHL, 1998).

Segundo Antloga (2009) e Tavares (2002), devido à natureza do ofício que as/os trabalhadoras/es de cozinhas desempenham, essa função tem custos humanos intrínsecos, tanto de aspecto físico, cognitivo e afetivo, alguns deles sendo: a força física nas posturas forçadas e em pé, o carregamento de objetos pesados, ambientes com calor, umidade e ruídos excessivos, pouca ventilação, etc. Quando as condições, direitos e demandas básicas dos/as trabalhadores/as desse setor não são cumpridos, há uma intensificação dessa particularidade árdua do trabalho atingindo um nível de exploração que pode caracterizar uma posição precarizada.

Fazendo referência à invisibilidade dessa função, Santana (2010, p.86), afirma: “Ressalto que esta categoria fragilizada sente-se acuada por um legado histórico-cultural que determina a subjugação ao trabalho.” Ainda, costurando-se com os resultados de Briguglio (2022), a autora enfatiza: “O trabalhador invisível da cozinha esconde-se em sua labuta.” (SANTANA, 2010, p.88).

Pela ótica da divisão sexual do trabalho, observa-se tanto a separação quanto a hierarquização (KERGOAT, 2009) de funções “femininas” e “masculinas” no trabalho em cozinhas. Scavone (2008) descreve a heteronormatividade da relação entre masculino e feminino, ressaltando

que figura como algo já estabelecido e imperceptível. Molinier e Welzer-Lang (2009) apontam a construção da feminilidade do contexto do trabalho pela seguinte dualidade: para buscar reconhecimento em sua carreira, performam a virilidade típica da construção da masculinidade e depreciativa do feminino; e ao mesmo passo, suas competências são lidas como dons e qualidades inerentes à natureza feminina.

Além disso, o trabalho na cozinha entra num leque de saberes aproveitados das experiências femininas no âmbito doméstico transmutados para o mercado de trabalho quando este e a força de trabalho feminina passaram a ter uma relação de mútua necessidade. A respeito desse transbordamento das funções femininas pelas fronteiras do âmbito privado ao público, Lapa (2018, p. 259) desenvolve: “[...] esta mão de obra feminina como também dotada de um tipo específico de *savoir faire* derivado de sua experiência na produção doméstica [...]”. Santana (2010, p.101) aborda essa imbricação entre o cozinhar profissional e doméstico, ressaltando o que chama de “domesticidade do labor culinário”, sendo o ambiente de trabalho também também presente no lar. Aponta a culinária como herança culturalmente feminina que “replica as posições dos gêneros na convivência social desta cozinha, nas divisões dos espaços de labor e nas representações de poder.” (SANTANA, 2010, p.102)

Reunindo todos esses fatores, entendo que a falta de olhares para o setor de trabalho nas cozinhas a partir de uma perspectiva sociológica é uma lacuna que merece ser preenchida. Devido a amplitude do setor, me proponho a abranger apenas aquelas cozinhas que se vinculam diretamente com os tão estudados entregadores por aplicativos: as cozinhas de restaurantes de delivery.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa essencialmente qualitativa, combinando procedimentos deste caráter, recorrendo previamente a dados e relatórios secundários sobre o setor de serviços de alimentação. A pretensão é ir além da descrição da ação humana, e traçar um entendimento das singularidades dos processos sociais analisados (MINAYO; SANCHES, 1993). A razão para tal é que: “a análise qualitativa permite ir além da descrição fria dos dados e permite captar situações que os instrumentos quantitativos de análise não alcançam.” (LAPA, 2020, p.62).

Pretende-se realizar pesquisa de campo, que englobará entrevistas aprofundadas e semi-estruturadas e observações dos ambientes de trabalho, de forma a permitir maior espontaneidade, sem prender o/a entrevistado/a às perguntas (GIL, 2002; MINAYO, 2002).

É certo que serão encontradas contradições que serão abordadas sob uma perspectiva materialista-histórica e dialética que considere as multideterminações que as compõem, especialmente no que diz respeito às relações de classe e gênero dentro do objeto desta pesquisa.

Desde a concepção do tema proposto, a pesquisa idealizada é fundamentalmente composta por dualidades. A dicotomia inicial que guia essa análise se refere à relação centro e periferia mundial. Essa noção é tida aqui como princípio estruturante, mesmo não sendo seu objeto central. Proponho, portanto, que o entendimento de que a condição que envolve o Brasil no status de nação periférica necessariamente faz referência ao que o país não é: nação do centro de acumulação capitalista. Esse caráter não deve ser entendido como “natureza” de cada país justamente por não ser característica natural mas sim sócio-historicamente construído. Funciona como fator determinante em análises de conjuntura social e de trabalho em âmbito nacional. Portanto, mesmo estudando um município dentre tantos, a perspectiva do contexto nacional - brasileiro e global - periférico é inegável (ANTUNES, 2019; DRUCK, 2011).

À luz do estudo da bibliografia, compreendi que a pesquisa aprofundada deste setor não estaria isolada nem dos processos nacionais e globais de trabalho, nem do processo histórico de constituição das condições de trabalho, mas sim, comporia justamente uma caracterização contextualizada no tempo e no espaço. Pretende-se portanto, ter em conta as particularidades do local com relação ao global, do delimitado temporalmente com relação ao processo histórico, como ponto chave para guiar as interpretações das entrevistas que serão realizadas no contexto estabelecido (BEAUD; WEBER, 2007; ELIAS, 2007; SILVA, 2018).

Opto por entrevistas aprofundadas e semi-estruturadas visando traçar observações a respeito do meio estudado - cozinhas de restaurantes de entrega -, abrindo espaço para as interpretações que apliquem tais experiências - particulares ou partilhadas - no contexto amplo da precarização do trabalho que marca o cenário brasileiro, ampliando a ótica deste estudo a um caráter sistêmico que não isole os entrevistados em suas individualidades mas também não os coloque num plano homogêneo, sem singularidades (BEAUD; WEBER, 2007).

Outro ponto de vista de ambiguidade intrínseca é a interpretação do gênero no trabalho de cozinha. Tem-se esse ofício como tradicionalmente associado ao feminino desde que associado ao amador, ao doméstico. O desenvolvimento do setor de cozinha profissional expressa a divisão sexual do trabalho, quando este se masculiniza com a profissionalização. Partindo dessas observações de Briguglio (2022) acerca da generificação do setor, situarei o objeto dentro da perspectiva feminista interseccional, observando a multiplicidade de elementos que compõem as e os indivíduos abordados, assim como seus ambientes e grupos de pertencimento.

Essa concepção feminista se enquadra também na escolha de estudar esse objeto após uma análise crítica do que é ou não estudado hoje, o que aborda ou não a realidade de mulheres, buscando, assim, preencher lacunas não exploradas pela literatura. Nesse sentido, o desenvolvimento da pesquisa tem como um de seus focos ir além da observação de desigualdades, seguindo a seguinte proposta de Kergoat (2009, p. 72) sobre a abordagem da divisão sexual do

trabalho: “articular a descrição do real com uma reflexão sobre os processos pelos quais a sociedade utiliza a diferenciação para hierarquizar essas atividades”. Portanto, entende-se o estudo voltado às mulheres não como uma visão secundária ou excepcional de uma realidade universal masculina, mas sim como ponto de vista das relações de gênero, que, por sua vez, permeiam a totalidade das relações sociais, constantemente (LÖWY, 2000).

A fim de descrever melhor o desenvolvimento das entrevistas, acrescento: o aprofundamento no(s) caso(s) escolhido(s) como objeto do projeto será mais bem estruturado numa segunda etapa da pesquisa. Nesse segundo momento, buscarei intermediários e informantes que conduzam ao objeto de fato, entendendo a pesquisa e o seu objeto como continuidade um do outro, não isolados e separados (MINAYO; SANCHES, 1993).

Por ora, indica-se a realização de entrevistas semi-estruturadas e o método conhecido como “bola de neve”, no qual informantes indicam outros/as para a realização de entrevistas, uma técnica que preconiza uma perspectiva relacional entre pesquisador/a e pesquisado/a. Indico previamente que as questões a serem abordadas nas entrevistas buscarão girar em torno de perguntas que permitam identificar perfil dos/as trabalhadores/as, seu(s) vínculo(s) e condições de trabalho, com que aplicativo de entregas os restaurantes atuam, como isso influencia no trabalho, etc.

Resultados esperados

À luz da pesquisa bibliográfica, a partir da aplicação dos procedimentos metodológicos delineados para a pesquisa de campo e buscando atingir os objetivos traçados, espera-se como resultado a caracterização das circunstâncias de precariedade do trabalho nas cozinhas em Florianópolis, permeadas pelo processo de uberização. Concomitantemente, almeja-se as particularidades deste setor feminizado como “outra face” da uberização, distinta da usualmente examinada, a do trabalho de entregadores de comida, majoritariamente homens. Para, então, dar vazão à hipótese de que esse setor sobrepõe dois traços de exploração estruturais: trabalho precarizado e generificado (HIRATA, 2009), dialogando diretamente com as teorias interseccionais que vêm demonstrando as implicações deletérias do ser mulher pertencente à classe trabalhadora num país periférico (HIRATA, 2002).

Referências bibliográficas

ABILIO, Ludmila Costhek. **O make up do trabalho**: uma empresa e um milhão de revendedoras de cosméticos. 2011. 307 f. Tese (Doutorado) - Curso de Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2011.

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Plataformas digitais e uberização: a globalização de um Sul administrado?. **Revista Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 1, p. 13-26, 17 abr. 2020. Pró Reitoria de Pesquisa, Pós Graduação e Inovação - UFF. <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v39i1.38579>.

ANTLOGA, Carla Sabrina. **Práticas gerenciais e qualidade de vida no trabalho**. 2009. 239 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

ANTUNES, Ricardo. Proletariado digital, serviços e valor. In: ANTUNES, Ricardo (org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV**. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 15-23.

ASSUNÇÃO, Marilena Pacheco. **O fazer do cozinheiro**. 2008. 122 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BARBOSA, Attila Magno e Silva. O empreendedor de si mesmo e a flexibilização no mundo do trabalho. In: **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, 19, 38: 121- 140, 2011.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. Preparar e negociar uma entrevista etnográfica. In: WEBER, Stéphane Beaud Florence. **Guia para a pesquisa de campo**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 118-150.

BRIDI, Maria Aparecida; BRAGA, Ruy; SANTANA, Marco Aurélio. Sociologia do Trabalho no Brasil hoje. **Revista Brasileira de Sociologia - Rbs**, [S.L.], v. 6, n. 12, p. 42-64, 1 jan. 2018. Sociedade Brasileira de Sociologia. <http://dx.doi.org/10.20336/rbs.244>.

BRIGUGLIO, Bianca. **Cozinha é lugar de mulher?: a divisão sexual do trabalho em cozinhas profissionais**. Marília: Lutas Anticapital, 2022. 293 p.

DIEESE. **Custo da cesta aumentou em nove capitais**. São Paulo: 2022. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/2022/202206cestabasica.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2022.

DRUCK, Graça. Trabalho, precarização e resistência: novos e velhos desafios. **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. 01, p. 37-57, 2011.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. “Introdução: Ensaio teórico sobre as relações estabelecidos e outsiders”. **Os estabelecidos e os outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 19-50.

FRIEDMANN, Georges. Introdução e Metodologia. In: FRIEDMANN, Georges; NAVILLE, Pierre. **Tratado de Sociologia do Trabalho**. São Paulo: Editora Usp, 1973. p. 19-45.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAF, Laila Priscila. **Entre a cozinha e o abatedouro: os sentidos do trabalho para mulheres atuantes na indústria avícola**. Florianópolis, 2009. 131f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

GROHMANN, Rafael; QIU, Jack. Contextualizando o Trabalho em Plataformas. **Contracampo**, [S.I.], v. 39, n. 1, p. 2-10, abr. 2020.

HIRATA, Helena. A Precarização e a Divisão Internacional e Sexual do Trabalho. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 24-41, jan. 2009.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho?** São Paulo: Boitempo, 2002. 335 p.

HOLZMANN, Lorena. A dimensão do trabalho precário no Brasil no início do século XXI. In: PICCININI, Valmiria et al. (Orgs.) **O mosaico do trabalho na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2006.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais do sexo. In: HIRATA, Helena *et al* (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 67-77.

KREIN, José Dari *et al*. Flexibilização das relações de trabalho. **Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região**, Campinas, n. 52, p. 41-66, jan/jun 2018.

LAPA, Thaís de Souza. **O gênero do trabalho operário**. Marília: Lutas Anticapital, 2020.

LAPA, Thaís de Souza. Divisão sexual do trabalho sob a ordem neoliberal. **Temáticas**, Campinas, v. 26, n. 52, p. 247-284, ago. 2018.

LEHMKUHL, Raquel Schaefer. **Biossegurança em cozinhas hospitalares**. 1998. 79 f. TCC (Graduação) - Curso de Curso de Especialização em Gestão Hospitalar, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

LEITE, Márcia de Paula. Sociologia do trabalho na América Latina. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 103-127, nov. 2012. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LODETTI, Júlia Zenni. **Financeirização e hegemonia estadunidense: processos centrais e periféricos nos casos francês e brasileiro**. 2021. 103 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

LÖWY, Ilana. Universalidade da ciência e conhecimentos “situados”. **Cadernos Pagu**, n. 15, p. 15-38, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Teoria, método e criatividade**. São Paulo: Vozes, 2002. p. 9-29.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. & SANCHES, Odécio. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

SANTANA, Gizane Ribeiro de. **Os Sentidos do Trabalho no campo da Alimentação Coletiva**. 2010. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

SCAVONE, Naira. **“O super chefe e a menina prodígio”**: as posições ocupadas pelo gênero na gastronomia profissional. Revista Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder, Florianópolis, 2008. Disponível em: . Acesso em: 28 out. 2007.

SILVA, Vinícius Alves Barreto da. A epistemologia de Michael Burawoy e seus desdobramentos metodológicos. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 1503-1530, set. 2018.UNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2179-8966/2017/28989>.

SILVA, Yasmin Leal Nunes da. **Design e Ergonomia aplicados à Cozinha de Embarcações**. 2016. 152 f. TCC (Graduação) - Curso de Design, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

TAVARES, Anelise Guedes Brigido. **Condições de trabalho e toxinfecção alimentar**. 2002. 161 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.